

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Apresentação

(...) Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha(...)

Histórias que merecem ser contadas é uma coleção onde pulsa vida de muitas mulheres e homens que estão no mundo em muitos espaços e grupos. Pessoas que são do povo e adultas que chegaram a um porto- a EJA, mas este porto está espacialmente definido – O IFSUL/Sapuçaia do Sul, e também tem nome, O PROEJA ! O Programa Nacional de Integração Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) impactou e remodela as práticas e cotidianos dos campi da Rede Federal Técnica e Tecnológica no Brasil, pois faz com que mulheres cozinheiras estejam de volta aos bancos escolares, pensando sobre si e sobre o mundo a sua volta em corredores, salas de aula, laboratórios, quadras e auditórios, que até pouco tempo entendiam que não lhes pertenciam.

(...)Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,

desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada(...)

No PROEJA, homens e mulheres trabalhadoras se empoderaram com professoras e professores contando de si, construindo novos conhecimentos, traçando novos rumos em suas vidas através do conhecimento, adquirindo o Ensino Médio, tornando-se técnicos e técnicas em Administração. E, a cada novo semestre, alunas e alunos são desafiadas a pensar sobre suas linguagens, valores, lógicas e trajetórias de vida. A professora Suzana Trevisan materializa alguns destes desafios quando propõe que nas aulas de português do quarto semestre as pessoas contem e textualizem histórias de suas vidas ao mesmo tempo que lêem obras da literatura brasileira. Assim, surge esta coleção no PROEJA do IFSUL/Sapucaia do Sul e a comunidade pode conhecer histórias das cozinheiras, da filharada e das panelas de barro.

(...) Vive dentro de mim
a mulher roceira.
Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos.
Seus vinte netos(...)

Em um país que a educação universalizada para o povo nunca foi prioridade e que as mulheres foram mais que os homens excluídas da escola, o PROEJA e HISTÓRIAS QUE MERECEM SER CONTADAS visibilizam as mulheres roceiras, mulheres operárias, domésticas, donas de casa, mães e filhas. Uma vitória que vem sendo construída desde 2006 pelo DECRETO N° 5.840, DE 13 DE JULHO, quando um operário presidente da república cria este Programa e oportuniza os Institutos Federais saírem de certa área de conforto.

(...)Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
Fingindo alegre seu triste fado (...)

A América Latina é um continente marcado pela dor do machismo, da servidão e da escravidão que colonizou e coloniza instituições, Estados, mentes, professores e professoras, alunos e alunas. Desenvolver e empoderar a capacidade de falar e escrever sobre dores, alegrias e silêncios das nossas sociedades é um exercício que liberta e (re)constrói este continente. Assim, a turma 4F 2016/01 do PROEJA está construindo nova Possibilidade latino-americana ao falar de si e solidarizando com muitas realidades de tristes fados...

(...) Vive dentro de mim
uma cabocla velha(...)
Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho,
seu cheiro gostoso
d'água e sabão (...)

Parabéns a vocês, homens e mulheres, hoje alunos e alunas do PROEJA/IFSUL, que construíram este novo volume da coleção HISTÓRIAS QUE MERECEM SER CONTADAS, pois somos muitas as pessoas que vivem dentro de cada uma das páginas deste livro. Parabéns Profa. Suzana Trevisan pela práxis da docência na EJA como Cora Coralina fez suas poesias de visibilizar e empoderar as muitas formas de ser povo.

(...)Todas as vidas dentro de mim:

Na minha vida –
a vida mera das obscuras.
*Cora Coralina**

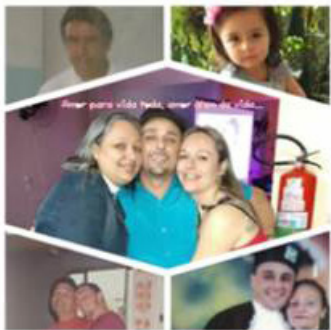
Feliz a pessoa que possa ler e desfrutar de Todas as Vidas, Vidas Meras e Obscuras, Meras e Protagonistas deste livro.

Guilherme Reichwald Jr
Educador PROEJA/IFSUL – Sapucaia do Sul

Sapucaia do Sul, 05 de maio de 2016 - aniversário de nascimento de Dalva de Oliveira e Karl Marx.

* Poema “TODAS AS VIDAS” - Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em 20 de agosto de 1889 na Cidade de Goiás (GO). Começou a escrever muito jovem, porém só publicou o seu primeiro livro – Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais – aos 76 anos de idade. Considerada uma das principais escritoras brasileiras, Cora Coralina foi uma mulher simples, doceira de profissão, mãe de 6 filhos. Vivendo longe dos grandes centros urbanos produziu uma obra rica em motivos do cotidiano brasileiro, mais precisamente dos becos e ruas da Cidade de Goiás.





Sumário

- 10 Exemplo de mulher | Adriana da Silva
- 10 Um “Super Herói” em minha vida | Alex Sandro Vieira
- 12 Meu Porto Seguro | Andrea Silva da Silveira
- 13 Susto na fazenda Santo Antônio | Aparecida da Rocha Harres
- 14 O tempo | Carla Rosana Calabresi Jordao
- 15 Fé, a salvação da lavoura | Carlos Rodrigues da Silva
- 17 Recomeço | Daiane Pires
- 18 Dona Neli | Débora Cristina Silva da Luz
- 19 Amor além da vida | Elisangela Apolinario
- 22 Amor inexplicável | Joseane Machado Xavier
- 23 Quartel | Josué Rodrigo Silveira Oliveira
- 24 Pelos caminhos da vida | Marina Rodrigues da Silva

- 25 Carta para minha sempre pequena | Patrícia Oliveira dos Santos
- 26 O dia que a cobra criou pé | Paula Viviane Freitas Pinto
- 28 Um homem que foi um filho, pai, avô e bisavô de coração | Priscila Quiricci Gularte
- 30 Noite Estrelada | Raquel Derman da Silva
- 30 A criança que chorava na Escola | Rosaete Bataioli da Luz
- 31 Escolhi Viver | Tatiane Pires Cardozo
- 32 Quando senti o chão se abrir | Tuane Mattos Silva
- 33 Filha de criação | Tulia Pires Soares
- 34 Minha gravidez | Vanessa Ramos Souza
- 35 A saída de campo do colégio | Willian Machado Barbosa
- 35 Primeiro passeio em Porto Alegre | Zilda Maria Santos de Mattos

Exemplo de mulher

Adriana da Silva

Falar da gente ou de pessoas próximas a nós não é uma coisa muito fácil. Mas dessa pessoa que quero homenagear, falar é motivo de orgulho. Descrever minha mãe é simplesmente maravilhoso, mulher guerreira batalhadora, vencedora porque teve a capacidade de criar três filhas sem a ajuda de meu pai.

Eu morava no Paraná com minha mãe e minhas irmãs, tínhamos uma vida muito boa, mas certa vez meu pai, conversando com minha mãe, resolveu vir para o RS, sua terra natal. Entrou em sua mente convencendo ela a vender a casa para vir para o sul.

Chegando aqui, minha mãe foi surpreendida pela notícia que iríamos ficar na casa de um amigo dele. Ficamos lá por uma semana, até o dono da casa pedir para que ela arranjasse outro lugar. Minha mãe entrou em desespero, sem saber que ele havia gastado todo o dinheiro da venda da casa! Meu Pai simplesmente desapareceu!

A partir desse dia, começou o inferno! Minha mãe não conhecia nada, mas teve que se virar. Sorte que ela sempre encontrou em sua vida pessoas que lhe estenderam a mão.

Mãe, obrigada por nunca ter desistido de nós, obrigado por ser esse exemplo de mulher forte, amiga. Obrigada por sempre lembrar de nós nas tuas orações, pois foram elas que sempre nos fortaleceram.

Um “Super-Herói” em minha vida

Alex Sandro Vieira

Quando criança, acreditava que não houvesse Super Herói na vida real. Quando já adulto, mudei minha opinião ao nascer meu segundo filho. Eu e minha esposa soubemos de sua gestação com três meses devido ao erro médico. Ele o acompanhava desde o nascimento de nossa primeira filha que fora planejada com muito carinho e dedicação por ambos. Por negligência ou falha, a gravidez de meu filho foi tratada como uma inflamação ou nódulo maligno

e, por isso, minha esposa tomou muitos medicamentos pesados e fez exames que poderiam ter levado o bebê a óbito.

Ao nascer, meu filho esteve permanentemente, durante seis meses, internado na CTI do hospital. Depois, ia para casa e voltava ao hospital para exames que só agravavam mais o seu quadro clínico. Ele teve bronquite asmática crônica e refluxo gastroesofágico, porque aspirou o líquido do contraste de um exame para seus pulmões. Tive minha primeira impressão que algo havia de diferente com ele, uma vontade extraordinária de viver.

Começou com sua recuperação milagrosamente saindo da CTI em um dia, voltado a ser amamentado ao peito, pois só se alimentava de soro. Uma semana depois deu alta do Hospital Santo Antônio, médicos responsáveis por ele nos explicaram e deram todo o seu quadro, orientando sobre que poderia e o que não poderia fazer. Uma dessas orientações era que usaria bombinha asmática para o resto de sua vida, tendo cuidado redobrado com esforços físicos e nem pensar em corridas longas ou futebol, que todo garoto adora fazer.

Ele foi crescendo e a cada ano se superando. Com três anos já bebia leite integral (todo bebê com refluxo tem que tomar leite especial por ter tolerância a lactose). Com cinco anos corria e pulava como uma criança normal e aos 7 anos não precisou mais de sua companheira, a bombinha. Começou a estudar e aos dez se transformava num atleta, sempre com muita surpresa pelo seu médico.

Nesse período, sofri um acidente de moto. Foi bem grave, pois eu ficaria até seis meses encamado, sem poder caminhar e até mesmo ir ao banheiro, por ter quebrado o acetábulo (um “osso” entre a bacia e fêmur). Passando por uma cirurgia com risco e tendo muitas dificuldades, uma prótese platinária foi colocada nessa região devido ao esfrelamento dessa junta. Meu grande incentivador passou a ser ele, o filho que não era esperado. Até de maneira engraçada, ele fazia travessuras, eu tentando algo para poder levantar, ir ao banheiro, que passou a ser uma coisa tão difícil e tão dolorosa, sem ajuda de minha esposa, ele vinha e dizia: “Não consegue porque é fraquinho” e ria. Eu, irritado e com dor, respondia: “me deixa voltar a andar, tu vai ver...”. Ele então provocava: “levanta, vem me pegar... não consegue, né?”. Eu descomunalmente levantava e chegava ao banheiro e ouvia-o dizer: “Eu sei que tu consegue, basta você saber que pode, paizão.”, em baixo tom para que não pudesse ouvir.

Hoje ele está com catorze anos e é um corredor pela vida, literalmente falando. Disputa as olimpíadas pela es-

cola Municipal Hugo Gerda, como corredor de 100,200 e 1200 metros, salto em altura, jogos coletivos como vôlei, handebol e futebol de campo e salão e disputa municipais de futebol como atleta do Sapucaense sub 15. Me incentivava a me superar sempre em tudo que faço. Enfim, acredito em “Super Herói” e nome dele é Marco Antônio Santos Vieira, meu filho amado.

Meu Porto Seguro

Andrea Silva da Silveira

No ano de 1930, na cidade de Candelária, nascia uma pessoa batalhadora que casou e teve filhos. Em 1979, nascia eu e em 1984 meu irmão, nós morávamos com nossos pais, ao lado da casa da minha avó. Entre tantas brigas e conflitos entre meus pais, veio a separação. Eu tinha sete anos e meu irmão, 3 anos. A minha mãe nos deixou e foi embora para Sapucaia do Sul e meu pai também nos abandonou e foi para Cachoeira do sul, ficamos com a minha Avó.

Nós éramos muito pobres, morávamos em uma casa de madeira, cheia de buracos, trabalhávamos na roça, mas os três sempre juntos. Ela sempre dizia que um dia tudo ia melhorar. Meu irmão perguntava pelos meus pais e minha Vó sempre falava que eles iriam vir nos ver e nós ficávamos esperando. Meu pai nunca mais voltou e minha mãe vinha de dois em dois meses. Meu irmão e eu chorávamos muito de saudade e minha avó sempre cuidando de nós e dando carinho.

Ela tinha um benefício, era aposentada. Uma vez por mês ia para a cidade, saía logo cedo e nós ficávamos em casa esperando até a noite para buscar ela na parada de ônibus. Era duas horas de caminhada, tínhamos medo. Por isso, fazíamos uma tocha de fogo e íamos cantando para desaparecer o medo: passávamos por rios, pinguelas e o coração disparava quando chegava no ponto de ônibus, onde já tinha gente esperando seus familiares. Ela chegava e o nosso medo passava e a alegria voltava, ali estava meu porto seguro.

Minha vó trazia merengue, tirinha de moça, um pão de quarto de kg e linguiça. Nós voltávamos pra casa comendo pão com linguiça, felizes. Sabíamos que uma vez por mês iríamos ter coisas boas para comer.

Com onze anos, minha mãe, nos trouxe para Sapucaia, fomos morar em uma pensão, eu, minha vó e meu irmão e nós já víamos minha mãe toda semana. Aos doze anos, fomos morar com meus tios e primos, era uma bagunça e muitas brigas. Com 13 anos, eu fui trabalhar em uma casa de família, passava a semana toda fora. Vinha para casa da vó somente na sexta-feira e era um desespero: chorava muito todas as noites porque ficava longe da minha vó. Depois fui trabalhar de babá, junto com a minha mãe e a nossa vida foi melhorando. Já com 18 anos, a minha mãe comprou um terreno e fomos morar juntas, estava completo e minha avó sempre ao meu lado. Aos vinte anos, casei e minha vó foi morar comigo. Com vinte e dois ganhei minha filha Raiana, que é xodó da bisa.

Hoje tenho trinta e sete anos e a minha vó está com oitenta e seis anos, mora comigo. Não tenho palavras para agradecer esse anjo que me acompanha e me faz feliz. Ela é uma pessoa muito especial para mim, não me vejo sem ela, mesmo sendo velhinha, é o meu porto seguro. Ela foi minha mãe e meu pai ao mesmo tempo. Na hora que eu mais precisei, minha vó estava lá. Tudo que eu tenho eu devo a ela, foi ela quem me criou, educou, cuidou. Quando eu e meu irmão estávamos doente e quando estou feliz, ela está sempre presente.

Vó, você é meu tudo, sem você não sei viver.

Te amo velhinha.

Susto na fazenda Santo Antônio

Aparecida da Rocha Harres

Nasci no interior de Tapes, na Fazenda Santo Antônio. Minha família era constituída pelos pais e 8 irmãos. Trabalhávamos fazendo crina, que é feita da palha da folha do butiazeiro e depois usada para fazer colchões. Plantávamos arroz, aipim, batata doce e hortaliças, criávamos porcos e galinhas para o consumo: vendíamos o arroz para ajudar na manutenção da casa. Era uma época muito boa. Trabalhávamos e estudávamos perto de casa, um horário era para o estudo e outro para o trabalho.

Nas férias de verão era muito bom. Vinham nossos tios com suas famílias e ficavam todos na nossa casa: du-

rante o dia, todos nós trabalhávamos e a noite,brincávamos de esconde-esconde e jogávamos cartas.

Numa noite muito escura e preparando-se um temporal ouvimos um estouro na porta. Uns dias antes, um armazém de secos e molhados próximo havia sido assaltado. A mãe pegou uma vassoura e ficou atrás da porta. Estávamos muito assustados, imaginando o que poderia ser.Quando a porta abriu-se, era o nosso cachorro, chamado Mimoso, que queria entrar porque tinha medo de trovoadas. Todos nós rimos muito e nos sentimos aliviados, porque era só o Mimoso querendo entrar.

O tempo

Carla Rosana Calabresi Jordao

Tempo vem, tempo vai, anos passam e a saudade não sai.

Em meados dos anos 90, para ser mais exata 30/04/1990, vem ao mundo um bebê como eu. Recém-nascida prematura, pequenina e engraçada, arteira desde o ventre, enrolada no cordão, com muita pressa chega ao mundo de surpresa, para seus pais a proteger. O tempo foi passando, o bebê foi crescendo e com os dias conhecendo as pessoas que o rodeava.

A seu tempo travesso, onde é o botão de voltar? Como gostaria de voltar no tempo para infância retornar.

Família não escolhemos, simplesmente nascemos, exatamente naquela predestinada a ser seu porto seguro. Anos passando, o tempo voando, o bebê amadurecendo, convivendo com seus verdadeiros heróis e heroínas da vida, sua família, admirando, vendo os e observando o mundo com suas diversificadas faces.

Faces da vida extrovertidas, risonhas, bobas, tristes... Não importa qual delas marcará a história de sua vida, o tempo se encarregará, sem deixar de trazer cada uma delas para perto de você em algum momento de sua caminhada.

O tempo passa e não disfarça as marcas que deixa, principalmente aquelas causadas pelas perdas.

Tempo vem, tempo vai, anos passam e a saudade não sai.

Já se passou um bom tempo, desde o nascimento do bebê que, já crescido nos dias de hoje, ainda não assimi-

lou a realidade, sobre os anos da perda de seu herói, seu pai.

Tempo amigo, me leve contigo, pelo tempo, pela eternidade, para onde e quando você estiver, só não me deixe parada no tempo, pois tenho medo de parar e apenas ver quem amo partir, sem dizer “te amo” e o último adeus dizer.

Heróis e heroínas, pessoas especiais que nos fazem seguir a vida, de cabeça erguida, sem medo do mundo, mas sim com amor e respeito ensinado.

Tempo, seu travesso, não sei se te xingo ou te agradeço, por ter me dado ao menos um tempo, mesmo que pequeno, com quem convivi desde o nascimento.

Com tempo passando, não bastando o primeiro adeus dizer, com amor ainda não esquecido, vazio nunca preenchido, meu irmão querido, de uma hora para outra também partiria. Mais uma vez você, seu tempo atrapalhado, se perdeu em seu próprio tempo e adiantou a partida, do último herói de minha vida, deixando apenas as heroínas.

Tempo seu travesso, é com as heroínas que me fortaleço, para continuar o tempo que ainda me resta nesta vida. Vida que às vezes é ingrata, que nos deixa eternas mágoas, marcas, pois é feita de chegadas, partidas e tristezas, pois nunca o último adeus conseguimos dizer a quem nos amou por todo o tempo de sua vida.

Fé, a salvação da lavoura

Carlos Rodrigues da Silva

Imagine um menino cheio de vida, cheio de vontade e cheio de sonhos, movido por uma força que nem ele sabia direito de onde vinha. Sua vontade de um dia ser alguém na vida, começara bem cedo, inclusive de ter a tão sonhada Independência financeira. Por isso, estudava com muito afino desde os primeiros anos do primário.

E aquela força o tornava cada vez mais forte na busca de sonhos. Certa vez, uma pessoa mais velha disse a seguinte frase: “Para conquistar seu sonho, é preciso lutar muito e ter muita fé”. O menino ouviu isso e foi aí que descobriu que força era aquela que o movia na busca de seus sonhos.

Mas como tudo que começa muito cedo, pode também terminar muito cedo, de repente, uma frustração causa um pequeno abalo em sua vida. Aos 12 anos de idade recém-completos, este menino tem que abandonar a escola, em plena 4ª série, para ajudar seu pai e suas irmãs nos trabalhos da roça.

No sítio localizado no interior da pequena cidade de Lindo Oeste, PR, ele trabalhava de sol a sol. Um dia o menino falou pro seu pai: “Pai, quero plantar uma roça só pra mim, quero ter meu próprio dinheiro. Embora trabalhando em sua lavoura, sei que tenho condições pra isso.”

Seu pai então, lhe ofereceu um pedaço de terra ao lado de uma encosta, era uma mata com árvores que, para serem derrubadas, era necessário um machado. Mas era o que tinha pro momento e ele, corajoso, aceitou.

Roçou a capoeira, derrubou as árvores e esperou secar, então queimou e na primeira chuva fez o plantio. Estava ali sua primeira e sonhada lavoura de milho. Os dias passaram, a lavoura cresceu e claro, a esperança de uma grande colheita. Começa, então, ver mais próxima a realização de seus sonhos. Porém, uma grande seca atingiu sua lavoura em sua fase mais crítica, mais ou menos uns 20 dias antes de começar soltar os pendões (as flores). Nessa fase a chuva é essencial.

Sem chuva, a situação se agravava a cada dia e o menino pensou: deve haver uma saída. Apelou então pra fé, ele se lembrou da frase que havia ouvido certa vez (Para conquistar seu sonho é preciso lutar muito e ter muita fé).

Mesmo vendo sua pequena lavoura morrendo a cada dia, ele nunca deixava de acreditar. Todas as tardes, após chegar da roça de seu pai, ele ia até a sua “roça” e lá, como se falasse com Deus, fazia várias orações e com o coração cheio de fé e esperança dizia: “Senhor, sei que está apenas esperando o momento certo para mandar a chuva que salvará minha lavoura.”

Em um belo dia, por volta de 5 horas da tarde e de um calor muito intenso, ouviu-se um forte trovão bem distante; renovam-se as esperanças. Não demorou muito e então a tão esperada chuva chegou. O menino, com os olhos marejando, escondido de todos, entrou para o seu quarto e agradeceu ao senhor.

Durante 4 dias houve poucos intervalos sem chuva. E ele esperou o 5º dia para retornar a sua lavoura. Ao chegar, que doce surpresa! Alguns pés que haviam sofrido menos com o sol, já soltavam algumas bonecas. A lavoura

já não era mais a mesma.

Enfim, a produção daquela pequena lavoura surpreendeu a todos, algumas pessoas nem acreditavam, mas para o menino não havia nenhuma surpresa, pois ele sabia o porquê de tudo.

Hoje eu não tenho dúvida: não haveria colheita se aquele menino não tivesse tido tanta fé em seu coração. A independência financeira, ele ainda está buscando, mas outros sonhos já conquistou. Descobriu também, uma coisa importante sobre fé: eu não sei se realmente a fé move montanhas, mas sei que ela pode ser a salvação da lavoura.

Recomeço

Daiane Pires

Aos 14 anos, aquela adolescente mudou: novas amigas, notas baixas na escola, comportamento diferente com a família e assim por diante. Ela começou a seguir um caminho diferente, matava muita aula, ficava na rua com amigos fazendo coisas erradas. Mal sabia o que estava por vir. Algumas vezes saía sem avisar sua mãe, voltava diferente, pois havia bebido e feito outras coisas (drogas).

Maria, sua mãe, não aguentava mais ver a filha assim, se destruindo. Alguma coisa precisava ser feito, urgente. A moça tinha um pai, morava em outra cidade. Assim veio a ideia da mãe mandar a filha morar com ele.

Muito triste, ela foi morar com seu pai, Cleiton, que a recebeu com os braços abertos. Vida nova. Mudanças começaram a acontecer: acordar cedo, limpar a casa, fazer almoço, ir para a escola, horários a seguir e etc. Muita responsabilidade.

Muitas coisas boas também aconteceram: tomar chimarrão, apreciar a manhã (aproveitando o dia), a vida no campo, andar a cavalo e etc. Coisas de cidade muito pequena (Capela de Santana).

Foi um ano e meio de muitas experiências e de melhoria para ela, Cláudia, já estava pronta para retornar para casa de sua mãe. Então em um final de semana que foi visitar sua mãe, ficou por lá, só retornou a Capela para buscar o resto de suas coisas. Já estava na hora.

Dali em diante, nunca mais voltou a fazer aquelas coisas, amadureceu bastante. Voltou a estudar, novos amigos, novo pensamento e tudo seguiu perfeitamente em diante. “Agradeço a meu Deus que nunca me abandonou”.

Dona Neli

Débora Cristina Silva da Luz

Lá vem ela: cheia de atitudes, absoluta, honesta, verdadeira, lá vem ela. Eu fico por um minuto do meu silêncio pensando, quem é esta mulher que Deus criou, tão diferente das outras mulheres. É mesmo muito guerreira, suas disciplinas e seus caracteres foram fundamentais para minha formação.

Talvez seria simplicidade o nome dela ou seria um anjo em forma de mulher... sei lá, eu só sei que é diferente e nunca vai existir outra igual. Esta mulher de quem eu tanto falo e dedico esta história que merece ser contada é minha mãezinha.

Sempre muito humilhada e sofrida, resistiu até a morte e sofreu muito para criar seus seis filhos. Minha mãe virou minha heroína e não tem outra pessoa, ou super-herói, que substitua o amor que sinto por ela, foi com ela que aprendi ser honesta verdadeira e batalhadora.

Desde que percebi o seu amor pelos seus filhos e tudo que passou na sua vida, nunca mais fugi das minhas obrigações e nunca esqueci o valor que tem os nossos laços familiares, a importância que tem e o que significa para mim.

Mãe, faço esta homenagem a você, mulher valente. Obrigada, mãe por existir na minha vida.

Mãe, muitas das vezes que você não podia ficar comigo eu chorava, sentia muito sua falta, mas eu sabia que tinha que trabalhar. Lembro que quando eu tinha seis anos de idade gostava de dormir na sua cama e ficava agarrada nos seus pés, acho que a senhora deve lembrar desta cena. Eu nunca vou me esquecer, eu vou guardar na minha memória para sempre.

E quando a senhora faz as suas comidinhas gostosas? Todos da família gostamos da sua comida porque tem

um sabor especial que só a senhora sabe fazer. Lembro-me dos momentos que passamos juntas e com a família, dos seus 70 anos e da festa que a senhora fez, estava tão bonita. Esta história é para que nós lembrássemos dos momentos de nossas vidas e tudo que passamos juntas e o quanto se esforçou para nos educar. Mãe, obrigada por existir na minha vida.

Amor além da vida

Elisangela Apolinario

O que parecia um amor passageiro tornou-se amor verdadeiro. Éramos amigos e, em meados de 1990, por acaso, nos encontramos e aquele encontro mudou nossas vidas. Começamos a namorar, ele foi meu primeiro namorado.

Minha mãe permitia que nos víssemos nas quartas-feiras, sábados e domingos. Nossos encontros eram rápidos, ele quase não ficava comigo nos finais de semana. Não demorou muito para que eu estranhasse tal atitude.

Para minha surpresa, um dia, que era aquele dia da semana que não poderíamos nos encontrar, ele foi até minha casa, disse que precisava falar comigo e iria me esperar próximo à escola onde eu estudava. Fiquei ansiosa, pois pressentia que não era coisa boa. Como teria que encontrar com ele escondida, a ansiedade aumentava.

Fui até a casa de minha vó, falei com minha tia que me deu todo apoio para ir falar com ele. Voltei para casa, me arrumei e fui saber o que ele tinha para me contar. Quando cheguei, ele já estava me esperando. Começamos a conversar e ele me contou que tinha outra namorada. Não fiquei surpresa, já desconfiava. Então começaram as explicações: ele gostava de mim, mas não poderia deixar ela naquele momento, estava fazendo uma seleção de emprego na empresa onde o pai dela era diretor.

Decidi continuar com ele mesmo assim, mas não foi fácil. Começaram os questionamentos da família e amigos pela ausência dele, eu continuava saindo nos fins de semana. As pessoas não entendiam: se éramos namorados, tínhamos que sair juntos. Ele me pedia para não sair, queria que eu ficasse em casa.

Então, começaram as brigas e cobranças. Eu sofria muito, mas não acreditava que duraria, que era amor àquilo que estava vivendo. Cheguei a pensar que fosse capricho da minha parte. Ele, envolvendo-se cada vez mais comigo, também sofria.

Nesse meio tempo, a namorada dele começou a desconfiar, ele não conseguia mais disfarçar seu desinteresse por ela. Através de uma colega de trabalho dela que morava na minha rua, ela descobriu que ele não saía da minha casa. Mais uma vez ele me procurou, pediu para que déssemos um tempo até que tudo acalmasse e assim foram longos meses de muitas idas e voltas.

Para minha alegria, o namoro deles também terminou. Quando isso aconteceu, não estávamos mais juntos, mas o destino teimava em nos unir. Nosso namoro era um constante vai e volta e cada vez mais nos magoávamos um ao outro, foi assim por três longos anos, até que um dia decidi que não o queria mais. Por Deus, fiz até uma simpatia com uma caixa de fósforos, tinha que escrever o nome dele em todos os palitos, depois queimar a caixa. Tudo para esquecê-lo, mas a gota final foi quando nos encontramos em uma balada e ele me puxou pelo braço e minha reação foi de agredi-lo. Desse dia em diante vi que não dava mais, pois não tínhamos mais respeito um pelo outro.

Segui meu caminho. Nunca mais nos falamos, mas eu sempre soube dele, tudo que acontecia com ele. Tínhamos amigos em comum, até mesmo meus familiares. Algum tempo depois conheci uma pessoa. Vivemos juntos por sete anos, mas acabamos e cada um seguiu seu caminho. Três dias após minha separação, vi meu ex-namorado em frente à antiga loja Paquetá, hoje loja Gaston, em Sapucaia. Nossos olhos se cruzaram e meu coração bateu descompassado. Naquele dia eu entendi que amava ele mais que imaginava.

O fim de semana chegou e numa balada ele encontrou com minha tia. Perguntou por mim. Quando ela disse que eu estava separada, ele falou: “O que é do homem o bicho não come”, pediu meu número de telefone. Ela disse que teria que falar comigo antes. Então, ele mandou o número dele para mim.

É claro que eu nunca liguei, havia me separado há poucos dias, tinha medo do que as pessoas falassem. Assim passaram-se meses. No dia cinco de setembro de dois mil e três, quando descii do ônibus da empresa que trabalhava, minha tia foi ao meu encontro para me dar a triste notícia com essas palavras: “Lisa, não era para ser mesmo!” Eu

perguntei: “O que? O Sergio? O que tem ele? Para com isso! Ele vai casar? Eu também casei! Isso não quer dizer nada!”. Ela respondeu: “Lisa, ele morreu!”

Eu nunca mais esqueci essas palavras que rasgaram meu coração. Tudo parecia um sonho e eu enlouqueci, cheguei a pensar que era uma brincadeira de mau gosto que ele mesmo estava fazendo comigo. Corri para casa, peguei na carteira o número do telefone dele, fui até a casa de minha vó para ligar. A mãe dele atendeu e eu só perguntei: “é verdade?” Ela respondeu que sim. Desliguei o telefone desesperada. Liguei para uma amiga e avisei que não poderia ir ao jantar que tínhamos combinado e só falei que ele havia falecido.

Fui para casa, me tranquei no meu quarto e chorando desesperadamente fiz um pedido a Deus. Pedi que se ele estivesse bem, que me desse um sinal. Entrou pela janela do meu quarto uma borboleta e pousou na cabeceira da minha cama. Pode parecer besteira, mas acredite e acredito até hoje que foi um sinal dele para mim.

Naquela noite, quando adormeci, sonhei que estava com ele em um lugar lindo, brincando de pega-pega ao redor de uma linda árvore. Não tive coragem de ir ao funeral me despedir dele. Na terça-feira, dia oito de setembro de dois mil e três, quando cheguei à empresa, minha colega me entregou uma folha, li e choramos muito, mas não conseguimos falar nada. Isso só aconteceu na hora do almoço. Então, ela me disse que também não foi ao jantar e tinha que me falar algo. Não sabia se eu iria acreditar e começou: “Lisa ele veio falar comigo, pediu para te dizer que está tudo bem e pediu para ti levar lírios brancos para ele”.

Esprei chegar o fim de semana e pedi para meu irmão ir comigo no cemitério. Enquanto ele descobria na secretaria qual era o túmulo dele, eu fui entrando de cabeça baixa. Quando levantei a cabeça, meus olhos foram em direção ao túmulo dele. Pensei para mim, é aquele. Esperei meu irmão e disse para ele: “É lá,” ele só confirmou com a cabeça. Fomos até o túmulo, eu não consegui ficar, foi mais forte que eu. Saí correndo de lá e só voltei no dia de finados para levar os lírios brancos.

Eu nunca mais amei ninguém! Essa é minha história.

Amor inexplicável

Joseane Machado Xavier

Parece que foi ontem, mas já se passaram mais de 20 anos daquele dia tão esperado, tão longo e angustiante. Se fecho meus olhos ainda posso ver minha avó Claudia: uma mulher de fé, temente a Deus, ajoelhada aos pés da cama, chorando e pedindo que tudo terminasse bem.

Era mês de maio do ano de 1995, meu tio sofria de hipertensão e teve seu estado agravado, levando ao mau funcionamento de seus rins. Passaram-se alguns dias, ele internado no hospital Santa Casa de Porto Alegre. Os médicos chamaram os familiares para informar o diagnóstico dele. Então informaram que seus rins tiveram paralisação total, que já não funcionavam mais, já não filtravam seu sangue e, por isso ele teria que fazer sessões semanais de hemodiálise. Ele já estaria sendo incluído no cadastro nacional de doação de órgãos, porque a única chance dele ter uma qualidade de vida melhor seria um transplante de rins, caso contrário, sua vida dependeria das sessões de hemodiálise.

Meus tios voltaram para casa desolados com a situação grave em que ele se encontrava, então em uma reunião de família decidiram fazer o teste de compatibilidade para ver quem poderia ser um possível doador de rins. Mesmo sem ele pedir (ele jamais pediria que um irmão fizesse isso por ele), foram todos para hospital fazer o teste e apenas um era compatível, apenas um possuía o mesmo tipo sanguíneo, era minha mãe. Ela, uma mulher incrível, com um coração gigante, não pensou duas vezes e disse: “Eu vou doar meu rim para ele”.

Eu ainda era pequena, não entendia o real significado daquilo tudo que estava acontecendo, não pensava nos riscos que eles estavam correndo, a única coisa que eu podia ver e entender era o amor incondicional que ela tinha pelo irmão. Ela jamais deixaria passar por tal sofrimento, sendo que ela poderia fazer algo para ajudá-lo. E assim aconteceu, ela começou a fazer as consultas e os exames exigidos pela comissão de médicos responsáveis pelos transplantes. Durante um ano foram muitas consultas com médicos, psicólogos, muitos exames. Ela estava se preparando fisicamente e emocionalmente para a cirurgia, enquanto ele sobrevivia de uma maneira debilitada, porém com esperança de dias melhores após o transplante.

O tão esperado dia chegou e os dois juntos entraram no bloco cirúrgico. No hospital estavam meus tios aguardando todo o procedimento, mas eu e meus irmãos estávamos em casa junto da minha avó, que no início se parecia forte, mas foram mais de 8 horas dentro do bloco. Com o passar do tempo e a falta de notícias, porque naquele tempo não tínhamos celular, o desespero e a angústia tomaram conta dela, pois ela estava com os dois filhos dentro de um bloco realizando uma cirurgia delicada de risco para ambos. Me lembro como se fosse hoje, ela pedindo a Deus que fizesse o melhor. Foi então que meu tio chegou e disse que tinha corrido tudo bem, que o transplante havia sido um sucesso, que minha mãe em seguida já iria para o quarto e meu tio permaneceria na UTI por mais um período devido ao risco de rejeição do novo rim.

Minha mãe retornou para casa após sete dias e meu tio permaneceu no hospital por mais 90 dias. A cada dia que íamos visitá-lo notávamos que ele estava melhor, até que chegou o dia de sua alta, foi um dia muito feliz, foi como ganhar o troféu da grande vitória.

E a cada vez que me lembro dessa história, desse episódio das nossas vidas, do processo num todo, mas principalmente do dia angustiante da cirurgia, vejo o ser humano incrível que minha mãe é, de um amor ao próximo, de um respeito à vida, de um valor inexplicável. Talvez eu mesma não tenha a coragem que ela teve, não tenha um coração tão grande quanto ela tem e por isso admiro cada vez mais o seu gesto de amor, de doação sem querer ou esperar nada em troca, além do bem estar do irmão.

Que esta história nos sirva de reflexão, que sejamos humildes, que tenhamos respeito a vida e ao próximo, que sejamos bondosos e corajosos.

Quartel

Josué Rodrigo Silveira Oliveira

Certa vez, João, jovem de aproximadamente 18 anos, passou por uma inspeção obrigatória para servir ao quartel de sua cidade.

Quando ele chegou ao local onde a inspeção aconteceria, viu que, além dele, havia vinte jovens que passariam pela mesma inspeção. Após isso, ele e os demais jovens entraram em uma sala, a pedido do inspetor que, aliás, imediatamente fez uma pergunta a eles: “Quem tem alguma enfermidade que impeça de servir ao quartel”? Ninguém se manifestou, exceto João, que falou que estava com uma enfermidade.

Porém, o inspetor ligeiramente respondeulhe, dizendo: “Mas, João, 98% da população tem essa enfermidade, portanto, ela não o impede de servir ao quartel”. João, por sua vez, em razão de não querer servir a sua pátria, então, incomodouse

com a contrariedade. Entretanto, o inspetor disse: “Bom, você não deixará de servir ao quartel por causa dessa doença, mas eu te dou três minutos para me convencer de que não devo levá-lo a servir”.

Em seguida, João falou e usou argumentos para ser dispensado de cumprir com sua obrigação, ou seja, para não ter que sofrer o intenso desgaste físico e mental, que isso geraria. Disse ele expressamente ao inspetor: “Eu não posso ir porque apesar de ser um homem, sou asmático e frágil em termos de saúde e, portanto, sou suscetível a ser acometido até por um resfriado”. E o inspetor finalmente se posicionou de modo permanente, dizendo: “Ora, essa doença sim te impossibilita de servir”. Conseqüentemente, João foi dispensado do quartel em definitivo.

Pelos caminhos da vida

Marina Rodrigues da Silva

Trabalhei vários anos numa empresa. Um dia chegaram pra mim e disseram: “Não precisamos mais do seu trabalho.” Foi muito difícil, pois eram muitos anos de trabalho e dedicação.

Mas como os caminhos da vida tem suas curvas, no mesmo dia uma amiga que trabalha em uma escola me convidou para um chá. Chegando lá, me disseram que precisavam de voluntárias para trabalhar na biblioteca. Fiquei surpresa com o convite, pois não tenho formação nem conhecimento na educação. Ela respondeu: “Não precisa, você é capaz.”

Comecei um mundo totalmente desconhecido mas muito interessante. Aprendi a gostar de ler, tinha muito tempo entre livros e não tinha como não gostar. Um dia a pedagoga me chamou e pediu para ficar com a turma que estava fazendo prova. Outra vez faltou uma professora, novamente fiquei com a turma em sala de aula. Onde precisava de alguém, eu resolvia. Se uma criança precisasse de cuidados porque estava com febre, eu dava atenção. Tinha uma comemoração, lá estava eu fazendo a decoração. Como gostava de fazer, contribuía novamente. Conclusão: aprendi muito com estas amigas especiais que vão ter um lugar no meu coração. Entendi que o melhor meio de ajudar nosso País é pela educação.

Carta para minha sempre pequena

Patrícia Oliveira dos Santos

Quando te conheci, já no primeiro dia, você chamou a minha atenção, minha pequena. Pois não tem como não ficar admirado e encantado com uma mulher linda, espontânea e charmosa. Você é como um ímã, que sempre me atrai para perto.

Com o tempo, nós fomos nos conhecendo e sem perceber, já falávamos tudo de nós um para o outro. Cada dia que passava, nós nos tornávamos mais amigos e confidentes. Numa sintonia perfeita, já não tinha como não notar a enorme afinidade que havíamos adquirido. Mas, mesmo com toda essa afinidade e com a impressão de que já nos conhecíamos há muito tempo, ainda tentava negar para mim mesmo que ficaríamos juntos, pois achava impossível que você me olhasse como homem e sim apenas como um amigo.

Mas aconteceu aquele beijo, "Ah, que beijo". E então senti o inevitável, que só nós ainda não tínhamos percebido que estávamos apaixonados. Essa foi a melhor coisa que poderia ter acontecido em minha vida, pois nos últimos anos andava me sentindo solitário, perdido, confuso... Mas agora, isso tudo mudou, me sinto vivo e tenho propósitos, sinto que enfim o amor chegou para ficar.

Você não tem ideia do bem que faz para a minha vida, fez reascender aquele entusiasmo de aventura, já no

primeiro momento. Depois, foi passando os dias e a aventura de estar ao seu lado só se tornava mais agradável e prazerosa e isso acabou por despertar em mim os sentimentos como: o de liberdade, cuidado “amo tomar conta de você”, alegria, satisfação em satisfazer suas vontades, carinho, saudade (muita saudade) e uma incrível mistura de amor e paixão avassaladora.

Sabe que fico pensando como esta paixão é perigosa, pois não consigo controlar a intensidade desse amor, mas como não se sentir assim, perto de uma mulher corajosa, carinhosa, irresistível e que sempre sabe o que quer e luta por seus ideais. Sem dúvida nenhuma, sei que sou um homem de muita sorte por ter te conhecido. Chego a sonhar acordado, que eu possa sim ser o homem da sua vida e desejo que esse sonho se torne realidade, num futuro bem próximo, se Deus quiser. Formamos um casal perfeito, pois entendemos o significado do amor, que é eu cuidar de você e você cuidar de mim, sem egoísmo, nem sentimento de posse, apenas o amor prevalecendo. Por isso não ficamos longe um do outro, nos conhecemos só por olhares.

E tem alguma coisa que me arrependo? Não! Não me arrependo de nada que passamos juntos, só de não ter te conhecido antes, minha linda pequena.

Te gosto, mais que ontem e menos que amanhã.

Do sempre seu e só seu... Moreno.

O dia que a cobra criou pé

Paula Viviane Freitas Pinto

A história aqui relatada, a mim não parece engraçada.

Mas preste atenção no que digo, pois isto aconteceu comigo.

Eu era bem pequena, morava com minha avó.

Em uma casa bem humilde, éramos pobres de dar dó.

Como era frio o mês de agosto, até as árvores se dobravam com o vento que gelava o rosto.

Era de costume ir a pé para a escola, levava o lanche na mão e os cadernos na sacola.

O caminho era bem longo, mas para encurtar distâncias, atravessava a picada que cortava a estância.

Ao entrar na picada, a neblina se destaca, eu vi no meio do campo um monte, algo deixado pela vaca.

Mas como isso era comum, fazia parte da paisagem, sem rodeio nenhum continuei a passagem.

Quando mais perto eu chegava, me assustava o que eu via aquele monte na estrada, para mim parece que se mexia.

Fui passando meio de lado, sem tirar os olhos daquilo, embora o vento e os grilos chamassem minha atenção. Naquela estrada de chão só a poeira ficava, pois de longe eu avistava aquele bicho medonho. Para mim, parecia um sonho ver aquilo correndo, parecia estar varrendo o meu rastro da estrada.

Peguei uma linha reta sem pensar pra onde eu ia quanto mais rápido eu corria parecia não adiantar, pois aos tropicões quase caía porque me faltava o próprio ar.

Naquele pedaço de chão atravessando um capão cheguei à rua da escola, nem o lanche, nem a sacola eu trazia mais nas mãos.

Entrei correndo, cheguei de língua de fora. Estava mais branca que um papel, no alto o azul do céu contrastava com minhas feições.

Perguntaram-me o que houve, pra contar tive trabalho, o que aconteceu no atalho da garganta não saiu e ficou gravado na mente e do pensamento não fugiu.

E pelos anos a fora esta lembrança assombrosa me acompanha desde então.

Aquele bicho correndo vinha alto do chão, em minha direção, parecia que voava.

Em muita coisa eu acredito, quer saber? Não sou Tomé, mas até hoje eu tenho dito que pra mim cobra tem pé.

E hoje anos passados bem distante da campanha, onde as travessuras e as manhãs faziam parte da infância, me bate no peito uma ânsia de saudade da criança que se encantava com as histórias guardadas na memória, ficou minha infância feliz.

Um homem que foi um filho, pai, avô e bisavô de coração

Priscila Zajac Quiricci Gularte

Em 1919, saiu da Polônia um casal com seu único filho de três anos, num Navio de imigrantes destinados ao Brasil, para tentar uma nova vida. Mas no navio se abateu uma doença (o que chamavam de peste) e várias pessoas do navio adoeceram. O casal foi vítima e tanto o pai como a mãe da criança acabaram por falecer, deixando seu único filho órfão.

Após seus corpos serem lançados ao mar, a criança ficou vagando sozinho pelo navio por dois dias, pois o resto da população ficou com medo de ele estar contaminado com a peste. Até que um casal ficou com pena daquela criança sozinha e resolveu se aproximar e cuidar do menino pelo resto da viagem. Ao desembarcar no Brasil, este casal que não podia ter filhos já havia se apegado aquela criança e assim resolveram criar como filho, “o filho de coração”, como eles diziam dando-lhe o nome de Francisco Carlos Zajac.

Com o passar do tempo e com muito trabalho, eles conseguiram montar algumas mercearias, ficando assim financeiramente estáveis. Francisco cresceu e esteve sempre junto com a sua família, sempre trabalhando muito. Ajudou a aumentar os negócios e as mercearias se transformaram em padarias. Então, Francisco se casou pela primeira vez e ficou casado por 4 anos. Teve seu primeiro filho Carlos Zajac e cerca de um ano após o nascimento, Francisco se separou de sua esposa. Casando novamente, em seu segundo casamento, Francisco teve mais dois filhos: Gerson Zajac e Roseméri Zajac. Dois anos após o nascimento de Roseméri, Francisco separa-se novamente. Neste meio tempo, Francisco perde seus pais do coração e, a essas alturas, ele já havia diminuído seus bens, pois a cada divórcio, sua ex-esposa ficava com metade dos bens.

Por volta de 1970, este homem conhece sua “nova futura ex-esposa”, Oraide. Ela já havia sido casada e veio do interior para trabalhar em Porto Alegre de empregada, deixando em São Luiz Gonzaga seus 2 filhos do primeiro casamento, Wilson e Maria, aos cuidados da sua mãe. Ele, ao tomar conhecimento da existência das crianças, deu-lhe dinheiro para que fosse buscá-las para criar junto com seus outros 3 filhos.

Logo que as crianças chegaram do interior, Maria ficou doente, sendo diagnosticado como meningite. Francisco que já havia se apegado aos seu filhos “do coração”, entrou em desespero e decidiu não sair mais do lado de Maria até que ela se curasse, só que seu estado só se agravava e os médicos a desenganaram. Foi então que ele decidiu fazer uma promessa a sua santa de devoção Nossa Senhora de Fátima. Se ela se salvasse, ele iria registrar ela, que ainda não era registrada, e colocaria o nome dela de Maria de Fatima Zajac. Depois disso, ela começou a melhorar e logo ganhou alta do hospital, então como havia prometido de imediato, foi registrar a então Maria de Fátima Zajac. Com o passar do tempo, Francisco e Oraide tiveram mais 2 filhos: Ângela Maria Zajac e João Carlos Zajac.

Após 11 anos de casados, Francisco e Oraide se separam e mais uma vez Francisco divide seus bens e estava, como ele sempre dizia, “em busca da nova futura ex-esposa”. E assim seguiu vivendo, trabalhando e cuidando de seus filhos, casou-se mais três vezes. Após o último divórcio, desistiu de se casar novamente, pois reconheceu que nunca conseguiria ser um homem fiel em relacionamento. Como ele mesmo dizia: “O problema todo é que eu gosto de mulher em excesso”.

Daí em diante se preocupou a ajudar a criar os netos, com muito carinho e sonhando em conseguir ver a chegada de um bisneto. Viveu até a chegada do seu primeiro bisneto tão esperado que veio de sua neta do coração. Após 11 meses do nascimento do seu bisneto, Francisco faleceu em 22 junho 2003, de um ataque cardíaco, deixou muita saudades para sua família enorme composta de 7 filhos, 32 netos, um bisneto e muitas famílias carentes que contavam com ele, pois ele realizava um trabalho voluntário no seu bairro em combate a fome.

Para mim, Francisco deixou muito mais que saudades, deixou inúmeras e incríveis lições de vida, do quanto é importante seguir em frente sempre e que não importa se as coisas parecem não dar certo, a gente deve achar graça e dar a volta por cima, nunca se abatendo, pois a vida sempre dá uma nova chance. Ele também me deixou orgulhosa e honrada de poder dizer e contar para todos que eu fui sua neta, ou como ele me apresentava para seus amigos e clientes da padaria “MINHA QUERIDA NETA DO CORAÇÃO!”.

Noite Estrelada

Raquel Derman da Silva

Meu pai era motorista de ônibus e fazia excursões a praia todo final de semana. No alto do verão de 1982, estava eu com 4 anos de idade e nunca tinha entrado no mar. Passei o dia brincando na areia, tinha muito medo da água. Todos se divertiam e tentaram me encorajar, mas eu tímida, batia ao pé e dizia que não.

A noite foi se aproximando linda e maravilhosa: céu cheio de estrelas, lua brilhando no alto, perfeito para uma noite de sono e descanso. Adormeci bem cedo, à meia noite acordei e comecei a chorar porque queria tomar banho de mar, queria ir a beira da praia.

Meu pai querido levantou, me pegou pela mão e me levou rua a fora em direção ao mar. O céu estrelado refletia no mar. Depois de alguns minutos, sai no colo do meu pai, embrulhada na toalha, tremendo de frio, mas feliz por ter tomado meu primeiro banho de mar.

Desde aquele dia sou apaixonada por mar, pode ser inverno ou verão, se vou à praia, tenho que entrar e me banhar.

A criança que chorava na Escola

Rosaete Bataioli da Luz

Tudo começou quando tinha sete anos de idade e minha mãe matriculou-me em uma Escola perto de nossa casa. Era uma Escola de madeira, aquelas madeirinhas atravessadas, e tinha uma área que no assoalho havia frestas. Minhas irmãs tinham estudado lá também.

Porém aconteceu um problema, eu não queria ir para a Escola por dois motivos: chupava bico e alguém tinha que ficar comigo na Escola. Na verdade, não bastava ficar lá, eu precisava vê-las na porta da sala. Então de tempo em tempo eu saía da sala de aula para chupar meu bico, me escondia embaixo daquele assoalho da área para que ninguém

me visse.

Minhas irmãs que ficavam comigo, estavam cansadas daquela situação e muitas vezes fugiam. Uma delas estava namorando escondida do pai e da mãe e eu a chantageava dizendo que iria contar para nossos pais, coitada.

Teve uma situação que minha irmã mais velha me largou na sala e conseguiu fugir, mas para sua surpresa, quando ela chegou em casa, eu já estava lá, havia chegado antes dela, claro que aos prantos.

E assim se passaram alguns meses e ninguém mais aguentava aquela situação. Como eu era a filha caçula, minha mãe ficou com pena de mim e me tirou da Escola naquele ano, pois era a pré-escola e não era tão importante assim.

No ano seguinte, entrei direto para a primeira série do ensino fundamental e não chorava, para alegria de todos. Concluí meu ensino fundamental nessa Escola de nome Teresa Francescutti, em Canoas, e foi um chororô para sair de lá, pois adorava a Escola e não queria ir para outra.

Hoje trabalho com Educação Infantil e as crianças choram muito nas adaptações, vejo o quanto eu dei trabalho para aquelas professoras e minhas irmãs.

Escolhi Viver

Tatiane Pires Cardozo

Ela lembra de como era viver em paz, sem se preocupar com a tristeza. A alegria era constante. Havia dias felizes e dias tristes, mas os dias felizes compensavam os dias tristes.

A tristeza podia ser controlada e da mesma forma passageira, os dias eram normais dentro da sua percepção de normalidade, assim como tudo parece ser no dia a dia, até se deparar com uma doença terrível chamada depressão. A partir daí é que tudo começa a mudar ao seu redor.

“Um, dois, três...vá, você consegue. Você consegue. Você não apenas consegue, você também precisa. Um, dois, três...por favor, vamos, você não tem o dia inteiro.” A frase acima assemelha-se ao discurso de alguém que tenta

escalar uma montanha ou atingir alguma meta que requer esforço anormal, mas é só o tipo de coisa que um indivíduo deprimido fala pra si mesmo ao tentar levantar da cama num dia comum.

A depressão não é algo poético, ao contrário do que muitos pensam. A depressão não ajuda pessoas criativas. O sofrimento pode inspirar, mas a depressão paralisa. É uma doença cruel, dolorosa. É uma situação extremamente delicada.

Ela não queria acreditar nesse monstro! Não queria acreditar que isso estava acontecendo com ela! Então se perguntava: “Por quê? Justo comigo, que era uma pessoa tão feliz! Tão alto astral!” Infelizmente o destino foi traiçoeiro com ela! Ela era mais uma vítima da depressão. Realmente pela primeira vez na vida ela viu que não ia conseguir sair dessa sozinha, então se sentiu incapaz de controlar aquilo tudo, percebeu que precisava de ajuda e foi isso que ela fez! Procurou refúgio na igreja e nas orações, fez o que tinha que ser feito! Foi fazer um tratamento.

Teve apoio e incentivo da família e o carinho de todos! Essa foi a grande diferença que talvez muitos não tenham tido a sorte de ter! Muitas vezes os incentivos não geram resultados, todo e qualquer esforço falha ou parece falhar e a desistência se apresenta como a única saída viável.

Algumas pessoas acreditam que o fim definitivo para sua dor seria o suicídio, mas essa não foi a escolha que ela fez, mesmo a doença manipulando a mente dela. Ela acreditou em uma força maior, em uma palavra chamada fé e isso fez com que ela não desistisse da realidade e principalmente da vida!

Ela acreditou em um ser supremo! Acreditou em Deus! Esta foi a escolha que ela fez!

Ela escolheu viver!

Quando senti o chão se abrir

Tuane Mattos Silva

Senti-me assim, sem chão e sem força quando a pessoa que mais amo na vida se encontrava em uma situação difícil. Meu filho amado, Kauê, estava doente e pelos diagnósticos dos exames, ele estava com um tumor entre o dia-

fragma e o pulmão.

O médico responsável agendou a cirurgia com extrema urgência, pois o suposto tumor já estava grande. Retiraram um pedacinho para biopsia, pois eles queriam saber se era um tumor maligno ou benigno. Essa angústia na espera de uma resposta nos deixava muito nervosos, mas com a graça de Deus recebemos uma boa notícia do resultado da biopsia.

Lembro como se fosse hoje: a equipe médica logo cedo de manhã vindo para nos passar informações sobre o quadro de saúde do meu lindo filho. Os médicos disseram que não era tumor o que ele tinha, fiquei feliz e aliviada ao mesmo tempo, mas nossa preocupação continuou, pois mesmo não sendo um tumor, os médicos não tinham uma resposta concreta do que meu filho tinha e nem o que causou o mesmo.

Nossa luta continuou mais ou menos por um mês e meio, ele internado no Hospital da Criança rodeado de profissionais maravilhosos e colegas de leito que nos davam força e nos auxiliavam nos procedimentos para lidar com a situação. Conhecemos pessoas que enfrentaram problemas maiores que os meus, foi daí que tive motivação para nunca desistir de lutar. O medo da perda era muito grande, mas com fé e força e apoio de familiares e amigos esse medo se tornou pequeno e meu lindo filho acabou ficando bem com uma ótima saúde, graças a Deus e a todos os profissionais do Hospital.

Esse fato ocorrido em minha vida me ensinou muito, ajudou-me a ver a vida de outra maneira, porque nunca sabemos o dia de amanhã. Por isso, é preciso aproveitar cada momento como se fosse único, amar e ser amado.

Filha de criação

Tulia Pires Soares

Venho de uma família muito pobre que tiveram 12 filhos. No ano de 1962 nascia eu e minha irmã gêmea muito doente. Minha mãe que frequentava uma benzedeira, acabou conhecendo a que mais tarde se tornaria minha mãe de criação. Ela deixou-me com a mulher e minha irmã foi para uma outra família. Com seis meses e pesando apenas três

quilos, eu fui ficando lá. Não recorde de minha mãe ir me ver. Já registrada não poderia ser adotada, então tornei-me apenas filha de criação. Este casal que conheci criaram cinco meninas da mesma família, seus filhos legítimos eram apenas dois homens. Minha irmã gêmea acabou falecendo, apenas sei seu nome dela, Lúcia. O tempo passou e meus pais que amo muito, Guilhermino Proença e Adelmira Proença que me devolveram a vida. Só tenho agradecer, tanto amor e dedicação. Com eles aprendi a respeitar o próximo, sempre estender a mão amiga para aqueles que precisam de nós, ser honesta e lutar sempre e vencer não importa a dificuldade.

Hoje tenho orgulho desta família que me acolheu, eu e meus irmãos. Tenho apenas o sonho de que meus pais estejam na minha formatura. Minha vida e este amor é imenso. Adote uma criança e você receberá tanto amor e saberá que este sentimento não tem preço.

Minha gravidez

Vanessa Ramos Souza

Aos meus 15 anos conheci um moço que se chamava Jonatan. Ele tinha 18 anos e estudava na mesma escola que eu. Nós trocávamos olhares um para outro. Dois dias depois ele me ligou e disse “vamos marcar um encontro?”. Eu disse: “vamos”. Assim comecei a namorar. Eu ia a casa dele só que minha mãe não sabia que a gente estava junto. Eu posava com ele escondida, eu dizia pra minha mãe que eu ia pra uma amiga e ela acreditava e não foi uma ou duas vezes, foram várias vezes. Depois eu pensava “bah, eu estou mentindo demais pra minha mãe, imagina quando ela descobrir. Ela vai me matar a pau”. Deu dois meses e ela descobriu que eu estava namorando. Não fez nada pra mim, só me deu os dias pra eu ir a casa dele, mas eu ia todos os dias.

Passou-se sete meses, comecei a me dar enjojo. Tudo que eu comia eu vomitava, não parava nada no estômago. Mas não dava bola, eu era novinha e nem me preocupava. Eu pensava pra mim “será que estou grávida? Bah, se eu estiver, minha mãe vai me matar”. Se passou dois dias eu fui ao posto e fiz o tal do exame e deu que realmente eu estava de três meses. No mesmo dia eu tive medo de contar pra minha mãe. Nossa, foi difícil, contei pra eles, mas eles

só me xingaram e falaram que eu era nova pra ter filho, que eu tinha que pensar nos estudos, eles não falaram mais nada porque a mãe da minha amiga já tinha falado pros meus pais.

Não parei de estudar e continuei indo grávida na escola, pois não tinha vergonha por ser nova. As avós dele fizeram uma casinha pra nós no mesmo pátio. Entramos pra dentro dela no dia 23-12-2012, o meu filho nasceu no dia 22-02-2010, de parte normal. Ocorreu tudo certo. Em 2014 voltei a estudar, nem eu acredito que estou estudando administração. Às vezes penso em desistir, mas não vale a pena, já estou no 4º semestre. Não vou fazer isso. Hoje eu digo pras meninas que tem entre quinze, dezesseis anos etc., se cuidarem. Tomem comprimidos, usem os preservativos que hoje em dia não esta fácil as coisas. Eu penso em ter outro filho, mas só depois que eu terminar os estudos.

A saída de campo do colégio

Willian Machado Barbosa

A minha saída de campo foi muito legal. Eu fui em Santa Catarina visitar os outros campus. Foi para fazer um desenho na camiseta branca e eu fiz o desenho de uma mulher pensando na minha esposa, ela é muito linda.

E agora eu vou falar sobre o meu trabalho. Lá eu faço um monte de caixinha de papelão para ir pro forno para e embalagem para ser vendida as caixas para Todas as ferragem do mundo. Isto que eu faço de segunda a sexta. Eu me acordo 05h30min da manhã para trabalhar.

Primeiro passeio em Porto Alegre

Zilda Maria Santos de Mattos

Eu era de uma família de nove irmãos: cinco meninos e quatro meninas. Natural de Três Cachoeiras, vivíamos na colônia e tirávamos nosso sustento da lavoura.

Minha avó materna, que morava em Porto Alegre, costumava nos visitar duas vezes ao decorrer do ano, e

meus tios (as), uma vez e nos deixavam muito contentes.

Quando eles vinham nos visitar, a gente os avistava vindo a mais ou menos um quilômetro de distância. Assim, a gente saía correndo para encontrar e disputar quem daria o primeiro abraço, quase sempre era eu, por ser a mais sapeca e até tinha o apelido de espoleta.

A minha tia Josefina me prometeu levar para conhecer Porto Alegre. E em um período de férias isso veio acontecer, fui visitar a grande cidade. Chegando lá, fiquei muito impressionada com tudo. Nessa época eu tinha mais ou menos oito anos de idade e só conhecia mato. As casas eram uma aqui e outra acolá, bem distantes uma da outra. Ao deparar com uma cidade com muitas casas e prédios, fiquei tão comovida que fui logo falando para as minhas tias que Porto Alegre parecia um morro cheio de Pedrinhas, de tantas construções umas quase em cima das outras.

Esta viagem foi uma passagem muito bonita em minha vida. Até hoje eu lembro vários detalhes, como a Rodoviária antiga e o vendedor de jornais gritando: “Zero, Zero, Zero”, sem parar, os engraxates sentados nas caixinhas de madeira lustrando os calçados dos clientes. Foi bom e bonito o passeio, mas tudo ficou lá para traz.



Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

Mack Léo Pedroso

Diretor-geral

Carlos Alexandre Wurzel

Diretor-adjunto

Fabio Moraes Lemes

Chefe do Departamento de Ensino

Guilherme Reichwald Jr.

Coordenador do Curso Técnico de Administração

Suzana Trevisan

Professora, Organizadora e Editora

Clarissa Felkl Prevedello

Programação Visual

Patrícia Hammes Strelow

Diagramação

Guilherme Adriani

Diagramação

HISTÓRIAS 
que merecem ser contadas

Sapucaia do Sul, maio de 2016